

HEGEL ATRAVÉS DO PRAGMATISMO: UMA INTRODUÇÃO À PESQUISA DO PRAGMATISMO HEGELIANO

HEGEL THROUGH PRAGMATISM: AN INTRODUCTION TO THE RESEARCH OF HEGELIAN PRAGMATISM

Guilherme Fernando Rennó Kisteumacher

guilhermerennok@gmail.com

Thiago Lopes Decat

thiagodecat@gmail.com

Faculdade de Direito Milton Campos - Brasil

Resumo: O pensamento filosófico sistemático de Georg Wilhelm Friedrich Hegel é uma das realizações centrais na filosofia ocidental moderna, apesar de ser historicamente relegada a um posicionamento externo da tradição pragmatista, se não francamente hostilizada por ela. A figura que se destaca quando um pragmatista pensa em Hegel é um obscuro, metafísico e idealista filósofo. No entanto, essa imagem se prova completamente falsa, como os estudos hegelianos revitalizados que vêm crescendo desde a metade do século XX têm demonstrado com sucesso. Os escritos de Hegel têm se revelado profundamente pragmáticos de acordo com sua própria concepção da metafísica, a qual vai completamente ao contrário dos pensadores de seu tempo, e dificilmente o caracteriza como idealista nesse sentido. A filosofia da consciência de Hegel, apesar de desenvolvida em seus próprios conceitos que podem parecer idealísticos, é explicitamente fundamentada na experiência, na atividade prática de um agente cognoscente, pois a *estrutura lógica da autoconsciência* Hegeliana, que é revelada por conceitos de sua *Lógica* e são tornados claros e determinados pelo seu método próprio da *Dialética*, é dependente dessa atividade prática, como é também dependente do auto-reconhecimento mútuo, da intersubjetividade e da aplicação conceitual. O presente artigo pretende elucidar a abordagem pragmática oferecida por Hegel e afirmar que os conceitos lógicos que ele denominou *o Absoluto*, *o Espírito*, *o Conceito* e *a Idéia* não devem ser compreendidos como metafísicos ou transcendentais, mas são profundamente enraizados em uma perspectiva *social*, *intersubjetiva* e *pragmática*, um caminho que pode trazer nova luz no estudo do pragmatismo.

Palavras-chave: G.W.F. Hegel. Pragmatismo. Fenomenologia. Linguagem.

Abstract: The systematic philosophical thought of Georg Wilhelm Friedrich Hegel is one of the central achievements in modern western philosophy, although it is historically relegated to an outside position of the pragmatism tradition, if not frankly hostilized by it. The figure that stands out when a pragmatist thinks of Hegel is an obscure, metaphysical, idealistic philosopher. Nevertheless, this image proves itself completely false, as the revitalized Hegel studies that have been growing since the half of the twentieth century have successfully shown Hegel's writings have revealed itself to be profoundly pragmatic according to his own conception of metaphysics, one that goes completely contrary of thinkers of his time, and hardly classifies him as idealist in this sense. Hegel's philosophy

of consciousness, although developed in his own construed concepts that may seem idealistic, is explicitly grounded in experience, in practical activity of a knower-agent, for Hegelian self-consciousness' logical structure, that is revealed by concepts of his Logic and are made clear and determinate by his own method of Dialectics, is dependent on this practical activity, as it is dependent of mutual self-recognition, of intersubjectivity and of conceptual application. The present article intends to elucidate the particular pragmatic approach offered by Hegel and assert that the logical concepts he have called as the Absolute, the Spirit, the Concept and the Idea are not to be comprehended as metaphysical and transcendent, but are deeply rooted in a social, intersubjective, pragmatic point of view, a route that can bring new light on the study of pragmatism.

Keywords: *G.W.F.Hegel. Pragmatism. Phenomenology. Language*

* * *

Uma leitura hegeliana do pragmatismo (ou, uma leitura pragmática de Hegel) é uma abordagem um tanto recente na filosofia ocidental. Alguns dos mais relevantes escritores em filosofia têm recentemente visto essas características pragmáticas na filosofia Hegeliana, estabelecendo uma enorme distância da figura do absolutista metafísico que é comumente atribuída a ele.

Para uma proposta de releitura de G.W.F.Hegel que o situe o mais próximo possível do pragmatismo lingüístico, devem-se sustentar duas afirmações particulares: *uma*, que a filosofia hegeliana e o pragmatismo compartilham, ao menos parcialmente, a mesma preocupação filosófica, que o objeto de seus estudos realmente apresenta-se mutuamente disponível para essas duas formas distintas de compreender assuntos filosóficos, não obstante a grande distância que os separa. E *duas*, que as preocupações, principais comuns a eles são abordadas de um modo que lhes permite também retirar conclusões muito similares à de pragmatistas lingüísticos como Wittgenstein, Sellars, Davidson e Brandom. Isso significa que Hegel estaria procurando por respostas filosóficas da mesma maneira que estes pragmatistas, como também significa que o modo como ele encontrou algumas respostas foi, de fato, similar ao modo como estes pragmatistas desenvolveram toda a estrutura de seu pensamento filosófico. Para o propósito deste artigo, deve ser dado lugar de destaque para um aspecto do trabalho de Hegel em relação à *normatividade e aplicação conceitual*, como também devemos focar na autoridade subjacente a essa normatividade, ao invés de focar apenas em seus, também importantes, assuntos éticos, de reconhecimento e de liberdade¹.

¹ Autores como Robert Pippin, Terry Pinkard e Robert Brandom o lêem claramente nessa abordagem lingüística e não-metafísica. Evidentemente eles têm suas diferenças de interpretação. Pippin tem o mérito de inovar ao trazer a filosofia hegeliana mais para perto da reflexão sobre uma ampla normatividade e aplicação conceitual. Pinkard lê a Idéia Absoluta hegeliana como o todo normativo do *espaço de razões* de Sellars, que sempre pressupõe uma concepção de verdade para se articular. Por sua vez, Brandom está mais preocupado em ver suas noções do inferencialismo, como *commitments* e *entitlements*, incompatibilidades materiais e articulação inferencial já presentes na obra sistemática de Hegel. Todas essas interpretações devem ser mais cuidadosamente analisadas e, de fato, algumas 'transgressões interpretativas' são feitas acerca da obra de Hegel, mas isso, por si só, exigiria outro texto.

Quanto à nossa primeira afirmação, deve ficar claro para o leitor que Hegel não era, de nenhuma forma, um filósofo que desconsiderava completamente a massiva realização e revolução que foi, na época, a filosofia kantiana. Para Hegel, Kant teria feito uma das mudanças mais profundas na filosofia moderna com suas *Críticas*, e era o rompimento definitivo com a visão de mundo metafísica da tradição. Hegel considerava o insight de Kant sobre normatividade conceitual como a preocupação principal de qualquer forma de filosofia feita posteriormente; isso era decorrente do elemento central de ambos os seus projetos, a ‘unidade da apercepção’, a unidade do ‘eu penso’, como uma forma de ‘eu realizo juízos’, e a relação disso com a possibilidade de afirmações cognitivas de uma subjetividade e suas relações com a objetividade².

De acordo com essa interpretação, Hegel se via mais como continuando o projeto de Kant e empreendendo uma profunda crítica dessa estrutura, a qual ele apontou como necessitando de vários reparos em aspectos que haviam levado a filosofia kantiana a seus distintos paradoxos e dualismos. Isso significa que, do ponto de vista de seu papel na continuidade da tradição do idealismo alemão, um dos mais impressionantes períodos filosóficos na filosofia ocidental, Hegel não levou em vão essas realizações, e virou seu sistema completamente na direção contrária a uma já morta afirmação metafísica e essencialista do *Absoluto*³. A orientação de seus escritos da *Lógica* e da *Fenomenologia* visava um desenvolvimento posterior da ‘unidade da apercepção’ e levava em consideração questionamentos filosóficos da filosofia transcendental kantiana, bem como as condições de possibilidade de conhecimento na subjetividade humana.

Ficou a cargo de Hegel levar esse desenvolvimento idealista a seu termo, respondendo sobre verdade e conhecimento em termos de uma contextualização histórica e social, algo que era um projeto que se *auto-corrige*, instituído por agentes humanos, e dependente de uma estrutura social racional e articulada conceitualmente. De outro lado, era o mesmo interesse nas condições do pensamento e conhecimento para a subjetividade humana, como também para objetividade social, e a possibilidade de ‘verdade’ em julgamentos que levou o pragmatismo lingüístico a propor uma completa renovação na filosofia como tal. Quando esse pragmatismo muda o foco da filosofia para a construção racional, lógica e discursiva de conteúdos do conhecimento, eles buscam compreender o que é *avaliar* (*assess*), formar *juízo* sobre conteúdos cognitivos e o que é apresentar estados intencionais em um contexto social de agentes.

² Como Pinkard coloca, “O problema da autoridade normativa – que nós possamos estar sujeitos apenas àquelas leis as quais nós podemos nos considerar como os autores – era, para Hegel o grande problema filosófico *por excelência*... então Hegel pensava, isso é simplesmente o problema especulativo que é inescapável uma vez que alguém tenha ido além da destruição Kantiana de toda metafísica pré-Kantiana e do mito do ‘dado’ normativamente”. (“Was Pragmatism the Successor to Idealism?”, pp. 5).

³ De fato, Hegel toma de Schelling a idéia do absoluto, algo que asseguraria a identidade sujeito-objeto (que Kant, de outra forma, deixou resvalar em solipsismo, e, por isso, eles pensavam, comprometeu seu sistema) trazendo eles a unidade. O projeto deles de naturalização do absoluto como um ‘todo orgânico’ era dependente da ação subjetiva em direção à objetividade, trazendo a necessidade de fundamentar o conhecimento em termos de ação, não contemplação, algo que ambos herdaram de Fichte. De qualquer forma, suas principais críticas em relação aos escritos de Schelling foram exatamente que o Absoluto não era para ser compreendido como metafisicamente *dado na razão*, mas apenas acessível em nossa experiência significativa, qualificada (*Ehfahrung*), e na interação pragmática entre o sujeito e o dado (*data*) disponível em sua experiência.

As conclusões relacionadas à epistemologia, emprego conceitual e agência humana eram consideradas por Hegel como um ponto decisivo na tradição do idealismo alemão, mas é mérito dele dar a esses assuntos um *insight* que o pragmatismo lingüístico tomaria como preocupação central vários anos depois. Apesar de Hegel dar essas lições por meio de um uso de termos difícil, obscuro e muito pessoal, em uma linguagem que era característica de afirmações idealistas metafísicas de seu tempo, seus escritos não precisam ser compreendidos atualmente nessa forma⁴.

Crucial para ele são essas condições subjetivas de conhecimento válido, não uma *'coisa em si'*; ao contrário, o foco é como um sujeito vem a determinar conceitos, usá-los, fazer afirmações, atribuir condições de verdade à experiência. E as conclusões são várias, mas ilumina-se a imagem de uma sociabilidade necessária à cognição, não determinada previamente (pois se auto-determina), instituída por relações intersubjetivas de praticantes, trazida à tona por um contexto de ação e uso, relacionado às suas normas instituídas socialmente, como também à mediação conceitual que se mostra necessária dessa forma⁵.

Quando Hegel lida com o Absoluto, e de uma perspectiva subjetiva, Conhecimento Absoluto, ele está procurando estabelecer as condições de possibilidade para que nossa subjetividade obtenha conhecimento válido através de conceitualização, considerando essa última como um necessário papel de mediação para objetos da experiência⁶. A particularidade de sua abordagem consiste em que conceitos não têm conteúdo conceitual por si mesmos; tais conteúdos são *determinados* por suas relações de oposição a outros conceitos, uma relação que é devida a um uso social, contextual e histórico do conceito. É um problema de inteligibilidade e intencionalidade: ambas precisam dessa distinta estrutura normativa (a qual sempre pressupõe uma noção do que é considerado como *verdadeiro*, também estabelecido pragmaticamente em um contexto social e histórico). Hegel poderia ser visto, nesse sentido, como antecipando as *Investigações filosóficas* do Wittgenstein tardio em grande parte, pois Hegel levou em conta os escritos de Herder, ao defender uma abordagem *expressiva* em relação à linguagem, e sua importante relação para a formação da individualidade, da

⁴ Seu modo de escrever não tornou mais fácil para filósofos pragmatistas da linguagem compreenderem essa grande virada temática, como não torna mais fácil para ninguém atualmente entrar no sistema filosófico de Hegel em si mesmo, seja aquele da *Fenomenologia* ou da *Lógica*. Sua linguagem é remanescente da metafísica do século XIX, mas, de fato, sua grandiosidade foi dar novo significado a esses termos e efetivamente fundamentar a filosofia moderna (em sua visão, um modo de filosofia especulativa) em uma compreensão *social, intersubjetiva, pragmática e lingüística* do conhecimento e cognição humana.

⁵ Hegel está continuando a perspectiva de Kant em relação à normatividade no uso conceitual. Como Brandom coloca a questão claramente, Hegel faz: "...uma mudança correspondente da certeza cartesiana para a necessidade kantiana." (R.Brandom, *Some Pragmatist Themes in Hegel's Idealism: Negotiation and Administration in Hegel's Account of the Structure of Content of Conceptual Norms*, pp. 166). A inteligibilidade conceitual, portanto, é traduzida em termos de normatividade conceitual. De toda forma, Kant separaria dois momentos: a instituição do conteúdo conceitual e a aplicação conceitual. Hegel inova ao dar a isso uma *unidade pragmática*: a instituição da normatividade é simultânea à aplicação conceitual. Ambas estruturam uma a outra, já que uma necessariamente pressupõe a outra na atividade do sujeito.

⁶ Deve ficar claro para nossos propósitos que Hegel rejeita qualquer idéia de 'dado' (*given*), dado (*data*) não-mediatizado na experiência, seja empiricamente, seja pela faculdade do Entendimento (*Understanding*). Como Wilfrid Sellars descreve Hegel, relacionando-o a sua própria crítica do *'Myth of the Given'*: "...Hegel, aquele grande inimigo da imediatidade". (*Empiricism and the Philosophy of Mind*, pp14.).

subjetividade. A possibilidade de objetos na experiência é lingüisticamente amarrada à estrutura normativa do *Geist*, já que a unidade de julgamento só se torna possível por uma dimensão conceitual, e isso permeia várias conclusões em seu método dialético.

Isso ilumina uma característica que aproxima Hegel dessa tradição pragmatista tardia. Hegel não está afirmando a existência do *'ser em si mesmo'*, e, se ele estivesse, toda a releitura não-metafísica de suas obras seria comprometida já na raiz, já que um das realizações epistemológicas principais do pragmatismo lingüístico é a deslegitimação, destruição do essencialismo, nomeadamente de uma visão de mundo platônica. Hegel não está procurando por isto⁷. De fato, para ele toda conceitualização só é determinada em suas relações com outras conceitualizações em uma estrutura lingüística socialmente articulada a que ele se refere como *'o Conceito'*. Neste, um conceito empírico somente pode ter seu conteúdo determinado por figurar em relações de oposição a outros conceitos. Isso implica que um conceito não é um portador pleno de seu conteúdo conceitual; ele não apresenta conteúdo conceitual por si mesmo, como uma leitura essencialista atribuiria rapidamente ao levar em consideração o modo como a linguagem funciona. Por isso é que Hegel afirma que conceitos são sempre sujeitos a mudanças, modificações, como também, a auto-superações (a noção de Hegel de *Aufheben* aplica-se, nesse sentido particular, também à estrutura lógica da linguagem). De fato, é essa sua função, seu papel funcional no conhecimento⁸. E a distinta resposta de Hegel para isso é uma atividade social e histórica, constituída por uma comunidade de individualidades (*selves*) normativas e subjetivas, *Gëistes*, atividade que é uma condição necessária para a constituição de qualquer forma de conhecimento válido.

Isso pode ser visto como nossa *segunda afirmação*: quando nós, como pragmatistas lingüísticos, perguntamos a nós mesmos pela possibilidade de 'verdade' em juízos particulares, ou pela validação do conhecimento humano, como uma das (mas não a única) preocupações centrais do pragmatismo, nós transformamos nossas visões ao reconhecer o papel de uma normatividade estabelecida socialmente na determinação do conteúdo conceitual. A *verdade* é determinada por uma estrutura de várias práticas e deve ser instituída por um *contexto social* relacionado à *intersubjetividade conceitual*. Portanto, nós não estamos

⁷ Discordando fortemente de algumas leituras, acreditamos que Hegel não pode ser visto como um Idealista Absoluto em uma leitura essencialista, no sentido que ele está procurando pela 'coisa em si mesmo' com relação a objetos, como se "A Razão deveria se despir das propriedades ou determinações que constituem suas relações a outras coisas". (F.Beiser, *Hegel*, pp.61). As reflexões de Hegel sobre objetividade após Kant não se referem mais a um tipo de essência, uma verdade em representação de um estado de coisas ou ocorrências objetivas, mas a uma *restrição racional (rational constraint) em nossas faculdades perceptuais*. O problema mudou da *essência* para *restrição normativa* a juízos e afirmações de verdade, e Hegel dá a *essa* questão uma resposta social e pragmática.

⁸ A verdade não é vista por Hegel como uma propriedade de juízos, mas como um *processo* de transformação de conceitos empíricos, auto-corrigindo o conteúdo conceitual em conformidade com o que é logicamente implicado pela Razão. É através da experiência que a verdade se estabelece em uma comunidade, não metafisicamente dada. Pinkard afirma: "Hegel não deu uma teoria da verdade em uma concepção essencialista, ou representacionista ou mesmo como condições de verdade. Sua abordagem é da verdade como um desdobramento (um *Entfaltung*), um processo que se auto-corrige, falível, social e histórico de estabelecê-la pragmaticamente, algo que o pragmatismo toma como seu insight mais profundo e central". (*Speculative Naturalphilosophie and the Development of Empirical Sciences: Hegel's Perspective*, pp14). E Brandom sumariza o ponto sobre esse 'dinamismo conceitual': "...verdade para ele é um tipo de progresso, algo que você faz, ao invés de algo que você tem.". (*Sketch of a Program for a Critical Reading of Hegel: Comparing Empirical and Logical Concepts*, pp.28).

somente rompendo com o essencialismo (ou mesmo com o essencialismo conceitual), mas procurando por aquela unidade mínima de condições necessárias para o sujeito obter qualquer conhecimento válido, fazer asserções e apresentar intencionalidade, nesse contexto pragmático. Nós não estamos afirmando que significado, verdade e certeza do conhecimento são contextuais, mas fundamentalmente que existem algumas condições intersubjetivas na estrutura pragmática das práticas sociais para que o agente-conhecedor seja capaz de apreender significados, verdades e certezas elas mesmas.

Além dessa semelhança de escopo, para o pragmatismo, como também para Hegel, a principal conclusão desse grande insight filosófico é que *qualquer questão conceitual é uma questão normativa; e que qualquer questão normativa é uma questão social*⁹. Quando nós lidamos com normas, e estatutos normativos, nós precisamos compreendê-los corretamente como *instituídos socialmente*, dependentes de uma comunidade social e histórica de agentes. “Para Hegel, toda instituição transcendental é instituição social¹⁰”.

Estabelecer esses insights sobre conhecimento, é nomeadamente definir o que realmente significa ter uma abordagem pragmática lingüística: distinguir entre questionamentos fúteis e afirmações metafísicas, em bases que nos fazem alcançar uma compreensão maior da estrutura conceitual pragmática que faz essas verdades e significados possíveis. Esse insight é o ponto de vista lógico do pragmatismo lingüístico, e isso já está em águas muito próximas daquilo que Hegel chamaria de ‘*Conhecimento Absoluto*’. Isso estabelece o ponto a ser feito nesse breve texto, que o pragmatismo lingüístico e a filosofia hegeliana não só têm pontos de vistas similares, mas conclusões similares também.

* * *

REFERÊNCIAS

Obras de G.W.F. Hegel

HEGEL, G.W.F. *Hegel's Phenomenology of Spirit*, trad. A.V.Miller. Oxford: Oxford University Press, 1977.

_____. *Hegel's Science of Logic*, trad. A.V.Miller. New York: Humanities Press, 1989.

⁹ Esse insight principal da sociabilidade implica vários outros insights importantes, relacionados com reconhecimento, intersubjetividade, historicidade, auto-determinabilidade, racionalidade, como também pressupõe alguns elementos necessários que formam a estrutura lógica que está por debaixo desses conteúdos, como *Negação Determinada (Determinate Negation)*.

¹⁰ BRANDON, Robert. “Some Pragmatist Themes in Hegel’s Idealism: Negotiation and Administration in Hegel’s Account of the Structure of Content of Conceptual Norms”, in *The European Journal of Philosophy* 1999, pp.169. Também em, *Tales of the Mighty Dead: Historical Essays in the Metaphysics of Intentionality*, 2002, pp.216.

_____. *Encyclopedia Logic: Part One of the Encyclopedia of the Philosophical Sciences*, trad. T.F.Garaets, W.A.Suchting e H.S. Harris. Indiana: Hackett Publishing, 1991.

_____. *Philosophy of Right*, trad. S.W. Dyde. New York: Dover Philosophical Classics.2005.

Obras sobre G.W.F.Hegel

BEISER, Frederick. *Hegel*. London: Routledge, 2003.

_____. “Introduction: Hegel and the Problem of Metaphysics”, em Frederick C. Beiser (ed.), *The Cambridge Companion to Hegel*. Cambridge University Press, 1993.

_____. “Hegel’s Historicism”, in Frederick C. Beiser (ed.), *The Cambridge Companion to Hegel*. Cambridge University Press, 1993.

BRANDOM, Robert. *Articulating Reasons: an Introduction to inferentialism*. Cambridge: Massachusetts.Harvard University Press.2000.

_____. *Tales of the Mighty Dead: Historical Essays in the Metaphysics of Intentionality*. Cambridge. Massachusetts. Harvard University Press.2002.

_____. “Sketch of a Program for a Critical Reading of Hegel: Comparing Empirical and Logical Concepts”. *Internationales Jahrbuch des Deutschen Idealismus*, Vol 3, 2005, pp. 131-161.

_____. “Untimely Review of Hegel’s Phenomenology of Spirit”. Inédito. Janeiro 2008.

_____. “Some Pragmatist Themes in Hegel’s Idealism: Negotiation and Administration in Hegel’s Account of the Structure of Content of Conceptual Norms”. *The European Journal of Philosophy*. Vol.7, No. 2, 1999, pp 164 -189.

_____. “Pragmatism, Phenomenalism, and Truth Talk”. *Midwest Studies in Philosophy*. Vol. XII: Realism, 1988, pp 75-93.

_____. “When Philosophy Paints Its Blue on Gray: Irony and the Pragmatist Enlightenment”. *Boundary 2*, Vol. 29. No.2, 2002, pp 1-28.

_____. “The Pragmatist Enlightenment (and its Problematic Semantics)” *European Journal of Philosophy*, Vol.12. No 1, 2004, pp.1-16.

HOULGATE, Stephen. *The Opening of Hegel’s Logic: From Being to Infinity*. Purdue University Press, 2006.

_____. “G.W.F. HEGEL: The Phenomenology of the Spirit”, em Robert Solomon e David Sherman (eds.), *The Blackwell Guide to Continental Philosophy*. Blackwell Publishing, Oxford, UK, 2003.

LUMSDEN, Simon. “The Rise of the Non-Metaphysical Hegel”. *Philosophy Compass*. Vol.3. No 1, 2008, pp.51- 65.

PINKARD, Terry. “Hegel’s Phenomenology and Logic: an overview”, in Karl Ameriks (ed.), *The Cambridge Companion to German Idealism*. Cambridge University Press, 2000.

_____. “Was Pragmatism the Successor to Idealism?” em Cheryl Misak (ed.), *The New Pragmatists*. Oxford University Press, 2007.

_____. “*Hegel’s Phenomenology: The Sociality of Reason*”. Cambridge University Press, 1994.

_____. “Objectivity and Truth within a Subjective Logic”. Apareceu como “Objektivität und Wahrheit innerhalb einer subjektiven Logik,” em Anton Friedrich Koch, Alexander Oberauer, Konrad Utz (eds.) *Der Begriff als die Wahrheit: Zum Anspruch der Hegelschen „Subjektiven Logik,* “. Schönigh, 2003.

_____. “*Speculative Naturalphilosophie and the Development of Empirical Sciences: Hegel’s Perspective*” em Gary Gutting (ed.), *Continental Philosophy of Science*. Blackwell Press, 2005.

_____. “What is a ‘Shape of Spirit’?” em Dean Moyar and Michael Quante (eds.), *Hegel’s Phenomenology of Spirit: a Critical Guide*. Cambridge University Press, 2008.

PIPPIN, Robert B. *Hegel’s Idealism: The Satisfactions of Self-Consciousness*. Cambridge University Press, 1989.

_____. ‘Hegel’s Practical Philosophy: The Realization of Freedom’, em Karl Ameriks (ed.), *The Cambridge Companion to German Idealism*. Cambridge University Press, 2000.

_____. ‘What is the Question for which Hegel’s Theory of Recognition is the Answer?’. *The European Journal of Philosophy*, Vol.8, No. 2, 2000, pp 155-172.

_____. “Brandom’s Hegel”. *European Journal of Philosophy*. Vol.13. No 3, 2005, pp.381- 408.

_____. “Concept and Intuition. On Distinguishability and Seperability”. *Hegel Studien*, Vol. 40, 2005, pp.25-39.

_____. “Avoiding German Idealism: Kant, Hegel and the Reflective Judgment Problem”, em Robert Pippin, *Idealism as Modernism: Hegelian Variations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

REDDING, Paul. *Analytic Philosophy and the Return of The Hegelian Thought*. New York: Cambridge University Press.2007.

WESTPHAL, Kenneth R. “Hegel and Realism”, em John Shook, Joseph Margolis (ed.), *A Companion to Pragmatism*. Blackwell Publishing, 2006.

TAYLOR, Charles. *Hegel*. Cambridge University Press, 1975.

_____. *Hegel e a sociedade moderna*. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2005.